

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.
com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte do correio.

Anunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs.
a linha.
Anuncios e comunicados, a 50 rs.
linha.
Repetições 25 rs
Anuncios permanentes 5
Folha avulso.....

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

O POVO D'OVAR

PELA NOSSA TERRA

Muito ha a fazer em prol da nossa terra. Não carecemos apenas dos melhoramentos materiaes: esses não de se ir fazendo a pouco e pouco, e bastantes esperanças temos em que a camara municipal os executará. Porem bem mais importantes são ainda outros, que não estão dentro da esphera d'aquella corporação administrativa.

Era para a realisação d'estes ultimos que nós queriamos congregar os homens de todos os grupos politicos, que se degladiam no concelho.

Debalde o fazemos, debalde empregariamos os mais entranhados esforços. No nosso circulo deveras restricto viceja com toda a força a intriga, sem dar logar a que se expanda um sentimento nobre, altruista. As melhores intenções disvirtuam-se, os actos mais francos são abocanhados de insidiosos e o caracter e a reputação de cada um fica á mercê do primeiro valdevinos que um grupo suborna para se fazer echo das suas invejas e das suas calumnias.

Foi sempre esta a vida da nossa terra desde os seus tempos mais remotos.

Veja-se o que fez a politica e a administração arallista durante mais de vinte annos. Quiz João de Castro pôr em pratica a venda da estrumada pelo modo que a sciencia e a boa administração aconselhava; veio logo a politica arallista lançar a sua teia, malquistar os administradores municipaes, lançando-lhes o stigma de ladrões. Quizeram muitos proprietarios e alguns senhores de companhas do Furadouro construir a expensas suas e por esmolmas uma nova capella n'aquella praia: não houve peias que a politica arallista lhes não lançasse, até que elles tiveram de desistir do seu projecto. Quiz o sr. João d'Oliveira Santos fundar uma fabrica de chapéus junto ao Carregal e requereu á camara que lhe aforasse terreno sufficiente: e a politica arallista lançou para debaixo da meza este requerimento, condemnando a nossa terra a não ter aquelle melhoramento. Quizeram alguns capitalistas dos concelhos visinhos edificar chalets na nossa praia com a simples condição de lhes venderem terrenos por preços commodos: a politica arallista negou-se terminantemente a isto, arrançando mil paliativos.

Tantas e tantissimas coisas como estas tiveram o mesmo despacho.

Seria porque tal procedimento obedecia a um plano seguido na administração municipal? Não, evidentemente não.

A Estrumada não se vendia porque o amor proprio do sr. Aralla se oppunha a isto. Não se concedeu a licença para a edificação da capella, da fabrica e dos chalets porque o sr. dr. Aralla tinha zelos dos que se punham á frente d'esse movimento do progresso no concelho. Sempre a sua vaidade a estorvar o passo ao progresso da nossa terra.

Entretanto o que fazia o seu partido, que durante grande numero d'annos se compunha dos homens mais importantes do concelho?

Entrelinha-se em questões futeis, chicanava encostado ás mercéarias da Praça. As questões mais transcendentaes em que essa turba-multa se envolvia, reduziam-se á apreciação de charadas e charutos.

Digam nos os seus defensores se algum plano de geito se elaborou n'essas assembleias. Não se limitavam ellas á completa inercia, — contrariavam tudo quanto outros emprehendiam de bom.

Haja exemplo do que se passou com a historia do theatro da nossa villa. Um grupo d'homens cheios de boa vontade e desinteresse projectaram edificar um theatro. Desde que não collocaram o sr. dr. Aralla na cabeceira do rol, dando-lhe os foros de senhor absoluto, rebentaram de todos os lados os embaraços, as intrigas e o proprio sr. dr. Aralla, que havia subscripto com umas acções negou-se a pagal-as.

São estas as tradições do grupo arallista, tradições que até agora tem seguido.

Pois bem é preciso que semelhante estado de coisas mude.

Terminada a lucta pedimos a concordia de todos os homens dos partidos para conjunctamente cooperarmos no bem da nossa terra.

Muito temos a fazer. Uma terra como a nossa, pobre sem ser miseravel, onde o artista ganha talvez mais do que o sufficiente para viver, mas, que desprevenido do futuro, encontre na velhice quasi a miseria, precisa de que alguém mais illustrado do que elle olhe pelo seu futuro.

D'ahi a necessidade da creação d'uma sociedade de cooperativa ou de soccorros mutuos.

E d'onde ha-de partir a

iniciativa? quem ha-de pugnar pela sua conservação?

Certamente não ha-de ser o artista, o pequeno negociante, que nada sabe de leis, nem tão pouco do systema de administrar estas corporações.

Esse papel estava reservado aos homens mais graduados dos partidos militantes. Elles seriam os primeiros a afastar as intrigas, a opposição de interesses que naturalmente dimanam grandes aggremações de individuos.

Ao appello sincero e franco responderam os arallistas com novas provocações, agravando os seus antigos crimes.

Pois bem nós passaremos sem esse grupo, que para pouco mais serve do que para dizer mal.

LUCTEMOS

Os arallistas proclamam a guerra. Semelham-se á rã da fabula que esmagada debaixo das patas do boi, ainda basoflava.

Querem a guerra? telahão em todos os campos em que a estabelecerem.

Não os podemos acompanhar nos insultos, nem tão pouco nas mentiras, porem não lh'as deixaremos passar por alto.

Á lucta, pois. Porem não nos mandem os arallistas creanças ou Catramillos para aguentar com as responsabilidades.

Qualquer que seja o resultado que advenha, nós apenas o imputaremos ao sr. Aralla ou a essa *troupe de casacas* que andaram por todas as esquinas a proclamar a morte do partido arallista e a morte politica do sr. dr. Aralla.

Poremquanto defendemos-nos. Depois atacaremos.

Profiam os arallistas em dizer que o dr. Fragateiro deve muitos beneficios ao sr. dr. Aralla e á *troupe de casacas*, que em tempos faziam parte do grupo arallista.

Perguntámos já por mais de uma vez quaes foram esses beneficios: dissemos-lhe que citam apenas um favor que o sr. Aralla fizesse.

Até hoje não obtivemos resposta alguma, comtudo continuam a figurar no jornal os taes beneficios.

Pois bem nós é que podiamos citar beneficios, mas nem sequer fallamos d'elles.

Houve um beneficio que o sr. dr. Aralla nos dispensou — foi arrelhar o nosso grupo em todos os seus projectos, malquistar os com os seus amigos, depreciar os seus homens. Deu isto resultado a que o conhecessemos e lhe pagassemos n'esta eleição o beneficio recebido. Ficaram as nossas contas saldadas.

Vieram os arallistas accusar-nos da desordem originada na queda do ministerio progressista.

Elles sabem muito bem que o dr. Fragateiro e Francisco Peixoto l'into Ferreira estavam na occasião em que se deram os tiros em casa do sr. Padre Francisco Marques da Silva conjunctamente com as philarmonicas da terra, sem que qualquer d'elles tivesse o menor conhecimento d'essa desordem. E, se o não sabem, perguntem no ao sr. Isaac Silveira que tambem lá se achava com elles.

Conhecemos bem a intriga dos arallistas e vemos aonde ella quer tocar. Mas para isso bastará dizer-lhes — não pegam as bichas, procurem outro meio.

Accusam mais os arallistas de o dr. Fragateiro ser deserdeiro e c'ipaz de na occasião da eleição promover quaesquer tumultos.

Porem não citam uma unica desordem que o nosso director promovesse. Citem-na e depois accionem-nos de criminosos, antes d'isso não.

Só se é deserdeiro quando se promovem ou se entra em desordens. Ora não ha uma só desordem em que o dr. Fragateiro entrasse.

Incitámos por ventura nós o povo á desordem?

Não, longe d'isso. Sempre dissemos que todos se deveriam manter na melhor ordem: mas tambem era absolutamente necessario que ninguém deixasse roubar os seus direitos.

Se é porque nós nos mantivemos sempre com energia perante a urna sem deixar que os arallistas roubassem a eleição, nós chamam desordeiros, então accetamos gostosamente o nome. Antes desordeiros do que fugidos da urna para immediatamente dizer mal do chefe.

Por emquanto ficamos por aqui.

Novidades

Incendio no Furadouro—No domingo ás 10 horas soube-se n'esta villa que havia incendio na costa do Furadouro. A falta de indicações precisas trazia a anciedade a toda a gente, tanto mais que por vezes se dizia que o fogo começara nos palheiros do sul. Se assim fosse toda a costa se tornaria de pressa em um enorme brazeiro por causa do vento que soprava rijo.

Porém soube-se depois que o incendio começara n'um predio de casas do Antonio Soares Presas.

Para o Furadouro partiram logo muitas pessoas. A estrada ia coalhada de povo. Na frente partira a bomba municipal porém quando chegava ao Carregal alguns individuos, que vinham do Furadouro, disseram que a bomba já não era precisa por o incendio se achar circumscripção á casa do Antonio Presas.

Effectivamente assim era, porém depois o fogo communicou-se á casa da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Amelia de Mendonça e a tempo que seria facilmente extinto n'esta casa se preventura a bomba tivesse seguido para o Furadouro.

Foi esta casa, tambem quasi devorada pelas chamas, e, se alguma coisa se salvou, foi devido aos muitos esforços empregados pelo povo.

No local compareceu logo o sr. administrador do concelho acompanhado d'alguns policias, empregando-se estes em guardar os salvados e impedir que o povo passasse por perto do 1.º predio em que havia risco de desabar uma parede.

Os pescadores foram d'esta vez infatigaveis no trabalho, precisamente o contrario do que succedeu no incendio anterior.

O incendio levantou algumas reclamações e desconfianças no povo.

A frequencia com que estão apparecendo os fogos na nossa praia, tanto mais agora que quasi todas as casas estão desabitadas, levou naturalmente á desconfiança de que o incendio não fôra casual.

Porém nós não acreditamos em tal.

Sabe-se que o incendio fôra organizado no desceido d'algumas creancitas, que estavam na casa do Antonio Presas, então auzente da costa. Sabe-se tambem que afóra os projuizos no predio Antonio Presas perdéra alguns objectos de valor como ouro e dinheiro.

Comtudo os nossos boatos, que se espalharam, não deixam de prejudicar consideravelmente o desenvolvimento da nossa praia.

A ORPHÃSINHA

Por entre a multidão, p'los logares lamacentos,
Cheia de fome e frio, vae a passos lentos
A loura creancinha.

Quasi sem brilho os olhos, sempre rasos d'agua,
A face muito pallida; e com grande magua
De todos se avizinha.

E todos indiffrentes, ao verem a mão
Que a pobre lhes estende, mendigando um pão
Para matar a fome,
Passam e não se importam; vão, e com desdem
Reparam para ella. Feliz quem tem mãe.
Oh! Que divino nome!

Não tem onde abrigar-se, dorme pelas ruas;
E servem-lhe de leito essas calçadas nuas,
De tecto o firmamento.

E qual velho soldado, ao troar dos canhões,
Adormece tranquilla, ao rugir dos trovões,
Ao sibilar do vento.

Mas os homens não sabem, não querem saber
Se soffre n'este mundo, ou lhe custa viver
Sosinha, sem ter pais.

E a creança, a orphã tem pouca idade;
Comtudo, bem conhece que a sociedade
A soccorre jámais.

Essa gente, meu Deus! não soccorre ninguem!
Que lhe importa saber se ha creanças sem mãe
Que breve morrerão?

Que lhe importa saber se tem fome o mendigo,
Se ha creanças com frio, velhos sem abrigo,
E viúvas sem pão!

Oh! pais com muitos filhos! De nada se importa.
Emquanto a orphãsinha vae de porta em porta,
Já vacillando aqui,
Sentando-se acolá; o rico alegremente
Só passeios, só bailes projecta na mente,
E de prazer sorri.

C'os olhos lacrimosos, só fitos nos ceus,
A orphãsinha diz: Não haverá, meu Deus,
Uma alma caridosa
Que me livre do frio, que me mate a fome?
Expirarei assim sem possuir um nome,
Uma mãe carinhosa?

Eu já não posso mais, sinto a morte chegar.
Que vida de martyrios! Vou expirar
N'um canto, sem ninguem...
Na vida fome, ... frio, ... despreso, ... que sorte!
E agora abandono e lagrimas na morte.
Oh! Se eu tivesse mãe!

Ovar, novembro de 1892.

A. F.

Processo crime — Já que ambos os jornaes da terra fallaram no processo crime de abuso de liberdade de imprensa que o ministerio publico promovem contra o nosso collega da «Folha d'Ovar», vamos dar a nossa opinião.

Não discutimos agora se o artigo incriminado e em que o digno Commandante das reservas julgou encontrar palavras offensivas da sua honra e dignidade, recabe ou não sobre a alçada da lei penal. Lá está o illustrado e recto juiz do nosso tribunal para o dizer na sua sentença e para tal apreciação é elle o unico competente. Qualquer coisa, que sobre isso dissessemos, seria ir intrometer-nos em esphera que nos não pertence.

Querelada a «Folha d'Ovar» o seu editor e director sr. Gomes Dias pediu um praso para apresentar os originaes, que disse estarem no Porto.

Achamos aquella declaração

um pouco extranha. Nada se publica no jornal sem que o sr. Gomes Dias tenha ou deva ter conhecimento. Se lhe apraz publicar os artigos ou noticias é porque elles traduzem por completo o seu modo de pensar. Perfilhando a doutrina as phrases, perfilhava tambem a responsabilidade criminal.

Era pois para nós um pouco sem razão que o sr. Gomes Dias trazia ao tribunal o auctor.

Lonje porém estávamos de vêr o original em que se attribuia o artigo a José Maria da Graça Soares de Souza, que é moralmente incapaz de produzir o artigo e até nem sequer o pode copiar, assignando apenas o original.

Ninguem percebe a razão porque se declinou a responsabilidade. Pela ultima lei de imprensa a responsabilidade do editor é solidaria com a do auctor. Pelo facto de o José Maria da Graça responder no processo, não deixa tambem de responder o sr. G. Dias.

Mas a posição do editor é que ficou um pouco aggravada.

No tribunal ninguem reconhecerá o José Maria da Graça como auctor do artigo. D'ahi lhe foge a responsabilidade como tal para recahir a de auctor e editor sobre o sr. G. Dias, com o contrapeso de se ter querido esquivar.

*

Estamos certos de que o sr. G. Dias foi mal aconselhado, pois só mal aconselhado daria aquelle passo que não fica bem á sua posição.

Se tinha de se aguentar como editor, aguentasse-se tambem como auctor. Por isso não soffria mais nem menos, porque, no caso de ser condemnado, a pena não subiria; e no caso de ser absolvido ninguem lhe poderia dizer que serviu de responsavel do que o José Maria da Graça escreve.

Maus conselheiros preparam sempre pessimas posições.

Ora da nossa parte vae um conselho, sem que nos tenha sido pedido. Seria bom que a «Folha d'Ovar» deixasse o tom insultuoso com que aprecia o digno tenente coronel. Em primeiro logar porque os insultos nem sequer tocam ao de leve o brioso militar e distincto official do nosso exercito; em segundo logar porque esse nosso collega evita mais policias correcçoes. E já o n.º passado dava logar a outra.

Apreciemos tudo, mas sem insultos, que só ficam mal a quem os dirige.

Partida—Partiram do Furadouro n'esta semana o ex.^{mo} sr. Bernardo José Costa Basto e o ex.^{mo} juiz dr. Albano Leite de Resende.

As estradas—As grandes bategas d'agua que cahiram na sexta-feira inundaram por completo as ruas do Poço, a ponto de o transito ser quasi impossivel.

Resultou isto principalmente por causa de pessimo estado das valetas, que estão sempre entulhadas.

Apuramento—No domingo procedeu-se ao apuramento da eleição camararia, sendo proclamados vereadores os cavalheiros por nós já indicados no numero anterior.

Tudo correu na melhor ordem.

A dinamite em Paris—Ao meio-dia do dia 8, uma bomba de dynamite destruiu o edificio da rua des Bons Enfants occupado pelo commissariado de policia.

A detonação foi horrorosa e todos os vidros se partiram n'uma zona de vinte metros, ficando abaladas as casas contiguas.

Nos primeiros momento, houve um alvoroço enorme e todo o bairro se tomou de panico. A construcção da casa onde estava o commissariado e varios escriptorios commerciaes era solidissima: saltaram fragmentos de parede que pesavam mais de trinta kilos. Barras de ferro de varandas caíram ao pateo e foram cravar-se nas paredes fronteiras. Restos de cortinas, portadas de janellas e montões de destroços de toda a ordem enchiam o solo, de mistura com pedaços de corpos humanos. Junto a uma viga, mistura-

va-se com o barro a massa encefalica de um dos mortos. De um bico de gaz pendia um craneo humano.

A bomba que explodiu havia sido collocada nos escriptorios da companhia mineira de Carmaux, situada na avenida da Opera, 11. Dois empregados acharam-na e deram-na aos agentes que a levaram para o commissariado. Cerca de tres minutos depois de a poisarem, no commissariado, explodiu, lançando pelos ares pessoas, moveis e paredes. Estava envolta n'um numero do «Temps» e tinha a fórma de uma marmitta semi-esferica: pesava cinco a seis kilos.

O commissario não estava, encontrando-se no escriptorio o inspector Faumourin, o secretario Pousset e os agentes Reaux e Trenot. Um creado de nome Guerin, que levava a maquina infernal, estava tambem, quando houve a explosão. Todos, menos Trenot, ficaram feitos em pedaços; de alguns pôde dizer-se que ficaram pulverizados. Trenot viveu algumas horas, vindo a morrer depois de lhe terem amputado uma das pernas. Antes de morrer só pronunciava palavras intelligiveis. Garin deixa dois filhos orfãos.

*

Passados os primeiros momentos de terror, tratou-se de proceder a averiguações. O barão de Reille disse que o attentado podia bem estar preparado contra elle, por ser a hora em que costumava conferenciar, aos escriptorios da Companhia de Carmaux com os srs. Loubet e Recard. Desde o principio da greve de Carmaux, os conselheiros da Companhia haviam recebido cartas com ameaças. A ultima era d'esta semana e firmavam-na dois operarios de Decazeville. N'ella era intimado o director a readmittir, dentro de oito dias, todos os operarios despedidos, sob pena de ir pelos ares o edificio social.

O porteiro da companhia não viu ninguem suspeito; mas pouco valor tem essa declaração, porque havendo no edificio outras duas companhias, um medico, um advogado e duas modistas, entra essas sempre muita gente. O creado de uma d'estas modistas declarou que reparava nas idas e vindas de um rapaz bem vestido vinte e cinco annos, que hontem andara no predio perguntando por um individuo ali desconhecido: parecia andar a estudar a disposição interna do edificio. O predio tem uma escada de serviço pela rua d'Argenteuil. Suppõe-se que o dinamitista haja entrado por ali.

O chefe do laboratorio municipal é de opinião que a bomba era de systema *renversant* e que bastava viral-a ao contrario do que tinha sido collocada para explodir.

As investigações policiaes proseguem activamente. Alguns ministros estiveram no local, e houve depois conferencia entre o sr. Loubet, o prefeito e o procurador geral.

O presidente Carnot esteve tambem na avenida da Opera.

*

Paris está emocionadissima. E' geral a indignação. O publico arranca as folhas das mãos dos vendedores.

Ha pormenores horrorosos.

Um *sergent-de-ville*, ao chegar ao local, ficou tão horrivelmente emocionado que morreu de um ataque de coração.

Um dos mortos tinha dezeseis moedas de franco na algibeira; as moedas entraram-lhe no corpo, sendo impossivel encontral-as.

O sr. Girard, ao procurar os restos da estranha marmitta, pisou uma coisa branda, e ao ver o que era encontrou o calcanhar de um pé. O pé destrocado estava a muitos metros de distancia.

O funeral das victimas realisase talvez na sexta-feira.

Será á custa do Estado e feito com grande pompa.

Paris, 9 — Os mineiros de Carmaux, ao terem noticia do attentado, celebraram um comicio em que protestaram energicamente contra semelhante crime, cuja solidariedade rejeitam por completo.

Uma Heroína Portugueza na China—O jornal de Londres, o *Daily News*, dá a seguinte curiosa noticia a respeito de uma nossa compatriota:

«Lin, um operario ordinario de Cantão, chegou por acaso a Lisboa, onde, pela economia e industria que caracterizam os seus compatriotas, pôde abrir uma loja, e casar com uma lisboeta de quem teve um filho e uma filha. Após algum tempo, não lhe correu prospera a sorte e quiz voltar para o seu paiz natal; mas amava muito sua esposa e não sabia como sair do dilema»

Ella, porém, disse-lhe: — Vai e leva-me contigo; sei que hei de ser uma estrangeira no teu paiz mas não posso deixar-te. Hei de acompanhar-te.—Mas se tu me acompanhares terás de trabalhar no campo e supportar muitas durezas d'essa vida; receio que isso exceda as tuas forças — Estou preparada para tudo, não posso deixar de acompanhar-te.

Nada pôde demovel-a da sua resolução, e a linda lusitana seguiu o seu marido com uma devoção admiravel. Chegou a Cantão d'ali seguiram a Ihsinghi, onde a exemplar esposa se vestiu á chineza e de tal modo se identificou com os habitos do paiz que a familia de Lin abraçou-a com immenso regosijo.

Entregou-se ao trabalho aspero do campo, e alegremente passava os seus dias com o esposo e filhos. Morre-lhe desgracadamente o marido, e ella, segundo os costumes da terra, preparouse para immolar em holocausto aos manes de seu esposo. A rogos, porém, dos visinhos e por causa dos filhos, conseguiu-se dissuadil-a de tão triste determinação, porém ella sobreviveu ao marido apenas 4 mezes.

TESTEMUNHO

As Vasconcellos d'Abrantes
—D'Abrantes ou da Certã—
Tem vestidos elegantes
—Uns de sêda, outros de lã.

E dizem as Vasconcellos
—Que p'ra quem quer fazer vista—
Não há vestidos mais bellos
Do que os da Laura, modista!

Laura Almeida, ateliers de modas, 19, Calçada Nova de Sant'Anna, Lisboa.
Veja-se o annuncio.

NOTICIAS DO PORTO

Porto 18 de Novembro

Já não ha luctas a travar, findaram as disputas, desapareceu tudo isso, com a velocidade e rapidez com que brilha o relampago; estamos no nosso antigo estado normal.

O Porto, o centro mais importante do norte, no que respeita a politica, fraqueja muitas vezes, escasseando-lhe episodios que prendem com as discussões e factos politicos.

E assim se torna necessario e agradável, para não sermos constantemente acobardados pelo pesado jugo das conversações politicas, mormente em vesperas de eleições.

As campanhas eleitoraes ha tanto tempo encetadas, findaram ha pouco, não sem proporcionar a victoria a uns, e causar a perda a outros.

Felizmente que depois do combate se fizeram treguas.

Uma vez que esboçamos por alto a situação politica em que o Porto se encontra, passemos a descrever as poucas noticias que se guem e que agora acabo de colher. Escrevo-lhes ao brilho esfuizante dos relampagos que constantemente se cruzam, acompanhados de violentos trovões, que nos parecem ensurdecer.

A chuva cá abundantemente, produzindo uma vertiginosa corrente.

Grande gala—Pelo motivo do regresso de Hespanha, á visita que os monarchas ali acabam de fazer, o serviço da guarnição foi feito de grande uniforme, as fortalezas da Serra o S. João da Foz, salvaram ao meio dia, embandeiraram os edificios publicos, e as diversas repartições conservaram-se fechadas.

Os paços do concelho á noite, estava resolvido que illuminassem a frontaria a gaz, porém a chuva impediu esse intento.

Por telegramma recebido de Lisboa, sabe-se que o comboyo real trazia tres horas de atraso.

O India—Transpoz hontem a nossa barra, o transporte India que foi substituido no domingo passado pela canhoneira Zaire, que se acha surta no rio Douro.

Homenagens.—Rezaram-se, hontem na igreja da Ordem do Carmo, duas missas a expensas de dois estabelecimentos de beneficencia, prestando assim a derradeira homenagem á memoria da santa esposa do snr. Anselmo de Moraes, fallecida ha pouco.

Foi uma imponente manifestação de sentimento, a que assistiu uma selecta e numerosa concurrencia.

Subscrição—O corpo de policia civil de Porto, resolveu contribuir com um dia dos seus vencimentos, a favor das familias dos guardas francezes ha pouco victimados pela explosão de dynamite em Paris, devendo collocar no tumulo das victimas uma coroa.

Reunião—O partido progressista de Ramalde, reune no proximo domingo, afim de acordar e resolver varios assumptos que prendem com a proxima eleição da junta de parochia.

Palcos—O mais triste, o mais melancholico, encontra uma distracção segura no theatro Principe Real, assistindo ao Burro, o celebre Burrinho, que tem enchi-

da a pança da Burra da empresa d'aquelle theatro. E' no domingo a 26.^a recita.

—O D. Affonso, nada em mar de rozas, pois escolheu uma companhia de zarzuella, como o publico do Porto, ha muitos annos não viu, Enchentes pelas recitas. Um : cabar... D. Pablo Lopez, faz as delicias da plateia.

—No Chalet, o elegante theatro, está em scena o famoso drama «Terremoto das Antilhas», que está bem posto em scena, e com geral agrado. Prepara-se a «Mascotte».

Touros—A corrida de domingo ultimo, no Colyseu, attraheu ali regular concurrencia. O trabalho dos amadores luziu pouco. Forcados, seguros. Gado, bom. Direcção, correcta. Um dos andarilhos ficou ferido na perna esquerda, por se lhe ter espetado um ferro.

—E mais nada por hoje.

J. J. O.

Litteratura

UMA PRECE

Depois de innumerados esforços que a sciencia medica havia empregado para salvar aquella preciosa existencia, aquella tenro corpinho, as melhoras foram progredindo sensivelmente, podendo dizer-se quasi que restabelecida.

A convalescença porém, necessitava de ser passada entre os frondosos arvoredos do campo, onde se respira o embalsamado aroma das flores. Assim o tinha prescripto a medicina.

E assim ia partir, fugindo, a procurar remedio para o seu mal, a buscar allivio para os seus sofrimentos, aquella meiga creança, a quem os carinhosos paes tanto adoravam e estremeciam, a quem devotavam o mais acrisolado affecto da sua alma.

E' que a dôr, desvaneece, torna-se mais fraca, respirando o embalsamado ar da aldeia, embebido no suave perfume das flores que ornão e alcatifam os prado, escutando o alegre chilrear dos passaritos, que entoam e soltam, logo ao romper da manhã, os seus melodiosos cantos e que enchem de jubilo aquelles que procuram suavisar a dôr que lhes opprime e constrange o peito.

O carro esperava á porta havia já algum tempo, e os muare impacientes da demora, rasquejavam com as pesadas patas, o solo, dando assim signal de que estavam aptos para galgarem o longo caminho que havia de induzir a diligencia ao logar a que Izaura se ia dirigir.

Soou finalmente a hora da partida. Ao limiar da porta, appareceram dois vultos: uma santa mulher que, debulhada em lagrimas conduzia as bagagens, collocando-as no trem, e a creança que ia dizer adeus por algum tempo á terra que lhe serviu de berço, e ás caricias e affagos que a mãe lhe dispensava, engrinaldando-lhe de flores a sua gloriosa carreira na escola.

Essa senhora era a mãe de Izaura.

O cocheiro, na boleia do carro, preparava-se já para fustigar os cavallos afim de marchar.

Izaura, lançando-se ao pescoço da mãe, que derramava copiosas lagrimas, apertou-a de encontro ao peito, e por entre a confusão d'um abraço, deixou ver rolares-lhe pelas setinosas faces, as lagrimas que abundantemente se despenhavam dos seus olhos, d'aquellas duas perolas de subido valor, e entre soluços bradava.— Adeus mãe, vou partir e dentro em breve voltarei.

E a pobre mãe, vendo partir a filha estremecida, sentia como que a atravessar-lhe o peito uma aguda lamina, retalhar-lhe a alma fibra a fibra, ao assomar-lhe á ideia a lembrança de que a filha havia fugido.

O coração de mãe, soffre com as dores que torturam a alma dos filhos.

Havia chegado, ha tres dias á aldeia.

O corpiço foi-se reanimando das forças que ha pouco lhe haviam fugido, as faces desmaiadas, d'então, principiaram de colorirse d'uma cor de rosa; sentia-se já com o antigo vigor; reabilitada. Estava salva.

Voltava por fim ao seio dos paes a gosar os carinhos que a mãe lhe dispensava, e que desde o dia da partida, constantemente a encomendava ao Pae do Céu, para que a não desamparasse.

Ella, a santa mãe, que desde muito esperava o dia da vinda, ao avistar a filha, que estava livre do perigo que correrá, ajoelhou a seus pés, e entoou a ultima canção á mãe do Senhor, por a haver escutado nas suas preces, nas suas supplicas:—a oração...

Porto, 92.

José J. Oliveira.

Carta de Lisboa

Caros leitores

Está chegado o inverno, e com elle a epocha theatral. Valha-nos isso.

A não ser o theatro e a leitura da «Folha d'Ovar» morria-se de aborrecimento. Não pensem que estou a caçoar. A «Folha d'Ovar» é o jornal provinciano que mais conhecido é na capital. E tem razão de ser. Por todas as ruas se ouvem os garotos gritar: «Olha a «Folha d'Ovar» que traz hoje correspondencia do Carapau. E' um grande escriptor este Snr. Carapau.

Ainda me lembro de uma correspondencia de sua ex.^a em que dizia que cá na Lisboa amada se estava organisando uma troupe para ir passar o S. Miguel. Resta-me perguntar-lhe:

Seria á capa, insigne escriptor?

Pois é verdade, amigos, a «Folha d'Ovar» que sahio a lume apregoando imparcialidade, bem depressa mostrou a toda a gente que as suas escoras eram meia duzia de creanças enfatuadas e insolentes.

O sen redactor, (ex sargento) bem mostra que a atmospher da caserna foi por muito tempo a que lhe arejou os pulmões. Lembrando-se ainda das agruras da vida militar, e d'alguns dissabores que os seus superiores lhe causaram, vem agora desabafar, vomitando toda a qualidade de insolencias na farda d'um brioso

official-superior do exercito portuguez! Coitado! Não se lembrará elle que o digno tenente-coronel lhe não liga importancia ás suas grosserias? Ponhamos de parte este insigne rodactor, não se vá elle convencer que lhe ligamos alguma importancia. Continue, pois, n'esse caminho da dignidade e do bem, e não se esqueça de nos mimosear todas as semanas com as correspondencias do snr. Carapau, e meia duzia de correspondencias de Rezende, litteratices da caloirada Aveirense, fresquissimas e apimentadinhas gazetilhas do snr. Silvestre Ameno, chronicas do Jayme, etc., etc., e verá que a sua folhinha ha-de deixar nome na historia, um dia que a terrível Parca lhe córte o fio da existencia e a faça pendurar na parede d'uma sentina.

—A rapaziada vareira está toda de saude queixando-se toda da grande falta de massa.

Y.....

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(2.^a Publicação)

No juizo de direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Coelho correm editos de sessenta e trinta dias, uns e outros contados da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo» citando pelos primeiros Antonio Gomes Leite, ausente no Brazil, provincia da Bahia e cidade de Santo Amaro, ignorando-se o seu estado e profissão, para fallar a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de sua mãe Maria Gomes Leite, que foi de Casemes, de S. Vicente d'esta comarca e pelos segundos os credores e legatarios por ora desconhecidos para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario, tndo sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 6 de Junho de 1892.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

João Ferreira Coelho. (159)

EDITOS

(1.^a publicação)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de sessenta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo» citando os interessados Orizia, casada com Solon Peotazio Coelho de Souza—Anna, solteira, maior, João—Vasco—e Engracia Matilde, solteiros menores impuberes, filhos e genro d'Antonio Rodrigues d'Oliveira Santos, residentes na cidade de São Luiz, Estado do

Maranhão para todos os termos até final do inventario de menores a que se procede por fallecimento de Anna Maria d'Oliveira, que foi, da Torre de São Vicente d'esta comarca.

Ovar, 20 d'Outubro de 1892.

Verifiquei O juiz de direito

Salgado e Carneiro

O escrivão

João Ferreira Coelho (159)

ARREMATACÃO

(1.^a publicação)

No dia 20 do corrente, pelo meio dia, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, e no inventario de menores aberto por obito de Margarida da Silva, moradora, que foi, em Carvalho de Baixo, freguezia de Vallega, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer—Uma junta de bois amarells, avaliada em 110\$400 réis, volta pela segunda vez á praça tambem para ser arrematada por quem mais offerecer sobre a quantia de 850\$000 réis. Uma morada de casas altas e baixas com cortinha de lavradio e suas pertenças, sitas em Carvalho de Baixo, freguezia de Vallega, foreira a D. Maria d'Assumpção Comossa Saldanha, avaliada em 950\$000 réis.

Por este meio são citados quaesquer credores incertos para uzarem dos seus direitos.

Ovar, 11 de Novembro de 1892.

Verifiquei

Salgado e Carneiro

O escrivão

Antonio dos Santos Sobreiaa (160)

Annuncios

AGRADECIMENTO

Joaquim Antonio Lagoncha, esposa e filhos agradecem penhorados a todas as pessoas que os comprimentaram por fallecimento de sua mãe, sogra e avó Maria Rosaria Vieira Lagoncha e a todos protestam gratidão.

Ovar, 15 de novembro de 1892

VENDE-SE

Uma armação propria para uma loja de mercearia.

N'ESTA REDACÇÃO SE DIZ

BOM NEGOCIO

Trespasa-se o Hotel do Furadouro ou vende-se todos os moveis pertencentes, por seu dono não o poder administrar.

Tambem vende um bilhar, de nogueira e pao setim em bom uso.

O proprietario
Silva Cerveira.

OVAR

CASA

Vende-se uma casa de moinhos, com tres rodas, sita nos Pellames.

Quem quizer comprar dirija-se a Rosa da Silva Dias, viuva, da rua dos Lavradores, da Villa d'Ovar.

A AVÓ

POR

EMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição, correcta e augmentada pelo auctor.

Sairá em cadernetas semanas de 4 folhas e estampa 50 réis.

EDITORES BELEM & C.^a

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA OS

Companheiros do punhal

POR
L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Publicada a 1.^a caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se hão—O Castello da Raiva de L. Stapleau—Um drama de revolução de Ernesto Daudet Mont Oriot, de Guy de Maupassant.—O grande industrial e Sergio Panine de George Ohnet.—Clotilde de Alphonse Karr.—Sapho de A. Daudet.

CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume pago no acto da entrega 100 réis.

Provincias, ilhas e ultramar, cada volume, franco de porte 120 réis. Pagamento adiantado.

Assigna-se em Lisboa no escriptorio da Empreza da BIBLIOTECA ECONOMICA, T. da Queimada, 35.

LAURA ALMEIDA

Ateliers de vestidos e chapéus

19, Calçada Nova de Sant'Anna, 19
LISBOA

Esta casa acaba de contractar novas modistas de vestidos e chapéus, cujo o bom gosto e elegancia são sobejamente conhecidos.

Toma conta d'encomendas para a provincia, encarrega-se d'envoios de noiva e de baptisado, envia—franco de porte—AMOSTRAS E FIGURINOS a quem os pedir e pelas condições em que está montada, ninguem pode competir.

PREÇOS DE COMBATE. VESTIDOS feitos a 6:000, 7:000, 8:000, 9:000, 10:000, 11:000, 12:000 e mais preços.

CHAPEUS a 1:500, 2:000, 3:000 e 4:000 reis, Capas, casacos, etc.

Feitio de vestido..... 2:500

Feitio de vestido de seda..... 3:500 ou 4:000

Feitio de chapéu..... 500

N. B. Os vestidos de luto, fazem-se em 24 horas. Pagamento adiantado. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LAURA ALMEIDA

19, Calçada Nova de Sant'Anna, 19—LISBOA.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

Os romances, mesmo os maiores, nunca excederão o preço de 400 ou 500 réis, como por exemplo o celebre romance OS MYSTERIOS DE PARIS, (5 volumes) que nos propomos publicar mais tarde, e que apenas custará CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

REPORTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato grande, bom typo e bom papel 100 réis; pelo correio 105 réis. Requisições á Empreza Editora—LETRAS E LEIS.

A cobrança é feita por séries de seis fasciculos.—Beco da Amoreira, 9, 3.^o

No prélo:—Dicionario de Jurisprudencia e Legislação Portuguesa. Preço do fasciculo 100 réis; pelo correio 105 réis, pedidos á empreza editora—LETRAS E LEIS.

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS E CRIANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento

Amélia de Moraes Sarmento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde

Chamadas para PARTOS a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.^a

26, Rua do Marechal Saldanha
26—Lisboa.

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de Infantaria

e ex-professor do Lyceu Central do Porto

PORTO

Magalhães & Moniz—Dditores

LOÉN TAXIL

OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.^e FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIRO

Com uma dedicatória do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMÉLIA

Com auctoriseção do em.^{mo} e rev.^{mo} sr.

CARDEAL D. AMÉRICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve de S. Santidade Leão XIII, animando-o, e abençoando-o, e que foi louvado pelos ex.^{mos} e rev.^{mos} srs.

Arcebispo de Paris, Arcebispo de Rennes, Bispo de Montpellier, Bispo de Coutances, Bispo de Seez, Arcebispo de Gran, Arcebispo de Turim, Bispo de Soissons, Arcebispo de Colocza, Arcebispo de Auch, Arcebispo de Napoles, Bispo de Rodez, Bispo de Bayeux, Arcebispo de Chambery, Bispo de Bannes, Bispo de Marselha, Arcebispo d'Aix.

A obra constará de dous volumes distribuida em fasciculos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras Preço de cada fasciculo 100 réis, pagos no acto da entrega; para as provincias é franco de porte. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se-lhes n'essa occasião o competente recibo. Concluida a publicação será elevado o preço.

Distribuir-se-hão tres fasciculos por mez. Todas as pessoas que angariarem dez assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, receberão um exemplar gratis.

Acceptam-se correspondentes nas terras onde os não ha; a commissão é de 20 p. c., garantindo mais de cinco assignaturas.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e em casa do editor Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 113—Porto, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

OS BURROS

OU
O REINADO DA SANDICE

Poema heroica-comico, satyrico, em seis cantos, reproduzido in-extenso com todas as liberdades do original.

Preço, br. . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

MAURICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA
ARTES E OFFICINAS

Variadas e curiosas receitas e processos de physica e chimica pratica sobre artes, Economia domestica, Photographia, etc.

RECREAÇÕES SCIENTIFICAS

Surprehendentess sortes e experiencias, Cryptographia, methodos para correspondencias secretas, 27 gravuras explicativas.

A' venda em todas as livrarias.

Preço..... 400 réis

« 420 «

Deposito—Livraria Portugueza, Loyos, 56—Porto.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.^o
de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4\$000—6 mezes 2\$100 rs.—Numero av lso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENÈLOUX, SUCCESSORES—PORTO.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **multo reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados. agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.